

Desamores expressos – *Estive em Lisboa e lembrei de você*

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS

UFSC

AMANDA CADORE

UFSC



Resumo: *Estive em Lisboa e lembrei de você* do escritor Luiz Rufatto é um dos livros do projeto editorial Amores expressos da editora brasileira Companhia das Letras. Rufatto escreve sobre Lisboa, desconstrói a ideia de que *minha pátria é a minha língua* e traz ao leitor uma sequência de *desamores expressos* contados pelo fluxo contínuo da linguagem do narrador-personagem, Sergio de Souza Sampaio, mineiro de Cataguases: o Brasil sob a perspectiva do exílio, o não pertencimento na pátria portuguesa, a fluidez das relações afetivas e o cigarro como metáfora da memória e do esquecimento.

Palavras-chave: Amores expressos; Desterritorialização; Literatura contemporânea; Luiz Rufatto

Abstract: *Estive em Lisboa e lembrei de você*, written by Luiz Rufatto, is one of the books of the editorial project “Amores expressos” from the brazilian publishing house Companhia das Letras. Rufatto writes about Lisbon and deconstructs the idea that “my nation is my language”. He brings to the reader a series of instant disaffections, revealed by the continuous flow of the character-narrator’s language, Sergio de Souza Sampaio, born in Cataguases, Minas Gerais. Among the elements revealed are his view on Brazil from the exile’s perspective, being a foreigner in the portuguese nation, the fluidity of his relations and the cigarette as a metaphor of the memory and the forgetfulness.

Keywords: “Amores expressos”; Unterritorialization; Contemporary literature; Luiz Rufatto

“Você é brasileiro?”, confirmou, e, satisfeito, eu disse, “Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente”

e principalmente o desejo de levar uma poupança pro Pierre, quando perguntassem, “E seu pai, Pierre?”, ele podia responder, peito estufado de orgulho, “Em Portugal, cuidando do meu futuro!”.

Como construir uma narrativa sobre a literatura brasileira nestas primeiras décadas do século XXI? Começamos falando da dificuldade de historicizar uma memória da literatura recente. São muitas recusas, certos desvios, novos nomes, vozes paralelas, várias interpretações, outras falas, novos contratos, o que nos permite afirmar que não há porque escrever uma representação pacificada da narrativa brasileira contemporânea, mais especificamente a dos últimos vinte anos. Tudo o que se deseja falar parece ter mais êxito se o fazemos por amostragem.

Citemos, por exemplo, livros publicados no final da década de 90 e início dos anos 2000 e que fizeram parte de explícitos projetos editoriais: a coleção Plenos pecados, da Editora Objetiva (Rio de Janeiro), composta dos seguintes títulos que, embora conhecidos, vão ser lembrados em bloco e na sequência dos lançamentos para visualizarmos

a seleção de escritores, escalada pela idealizadora e coordenadora da série, Isa Pessoa, e aprovada por Roberto Feith e equipe: *Mal secreto*, de Zuenir Ventura, sobre a inveja; *Xadrez, truco e outras guerras*, de José Roberto Torero, sobre a ira; *Clube dos anjos*, de Luiz Fernando Verissimo, sobre a gula (os três lançados em 1998); *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro, sobre a luxúria; *Canoas e marolas*, de João Gilberto Noll, sobre a preguiça; *Terapia*, de Ariel Dorfman, sobre a avareza (os três lançados em 1999); e o último deles, já publicado e premiado na Espanha, é traduzido e incluído na coleção em 2002, *O vôo da rainha*, de Tomás Eloy Martínez, sobre a soberba, o pecado que faltava.

Mencionamos também para ilustrar posteriormente a nossa opção de leitura os livros da coleção Literatura e morte, da Editora Companhia das Letras (São Paulo): *O doente Molière*, de Rubem Fonseca, e *A morte de Rimbaud*,

de Leandro Konder (ambos lançados em abril de 2000); *Medo de Sade*, de Bernardo Carvalho (maio de 2000); *Os leopardos de Kafka*, de Moacyr Scliar, e *Stevenson sob as palmeiras*, de Alberto Manguel (junho de 2000); *Bilac vê estrelas*, de Ruy Castro e *Borges, e os orangotangos eternos*, de Luiz Fernando Verissimo (dezembro de 2000); *Adeus, Hemingway*, de Leonardo Padura (abril de 2001). Oito livros lançados em um ano. Uma série de narrativas que entrecruzam ficcionalmente biografemas e monemas, categorias de Roland Barthes, partículas mínimas das biografias e da história da literatura¹ que buscam acima de tudo hospedar na narrativa mais contemporânea, pela paródia, pastiche, citação, vida e obra, escritores e suas narrativas canônicas: Molière, Rimbaud, Sade, Kafka, Stevenson, Hemingway e o brasileiro Olavo Bilac.

Outros projetos editoriais poderiam ser citados, mas preferimos chegar ao nosso destino: a coleção Amores expressos, da consolidada Editora Companhia das Letras. Alguns escritores brasileiros ganharam uma “bolsa” (optamos por esta imagem porque é bastante adequada ao projeto que pressupõe bagagem material e cultural) e viajaram para diferentes cidades do mundo para buscar inspiração e escrever uma história de amor: amores expressos, na ambiguidade plena do adjetivo *expressos*. Os romances daí resultantes seriam publicados e deveriam dar possibilidade para suas adaptações cinematográficas. No passaporte, ainda que invisível, os termos de um contrato: um tema definido, um prazo delimitado, um documentário, um *blog*, um potencial filme, um romance. Foram convidados Adriana Lisboa (Paris), Amílcar Bettega (Istambul), André de Leones (São Paulo), Antônia Pellegrino (Bombaim), Antônio Prata (Shangai), Bernardo Carvalho (São Petersburgo), Cecília Giannetti (Berlim), Chico Mattoso (Havana), Daniel Galera (Buenos Aires), Daniel Pellizzari (Dublim), João Paulo Cuenca (Tóquio), Joca Reiners Terron (Cairo), Lourenço Mutarelli (Nova Iorque), Luiz Ruffato (Lisboa), Paulo Scott (Sydney), Reinaldo Moraes (Cidade do México) e Sérgio Sant’anna (Praga).²

Não vamos examinar o que a mídia veiculou e que poderíamos interpretar como relatórios das viagens, mudanças de rota de alguns autores, recusas e as não entregas de textos pela/para a editora. A viagem a São Paulo não foi aceita; a viagem a Paris foi publicada pela Editora Rocco; as viagens a Buenos Aires, Tóquio, São Petersburgo, Cairo e Portugal já estão publicadas. Poucos títulos estão circulando no mercado editorial e esse *corpus* ainda reduzido poderia ser chamado, por enquanto, de “amores impressos”. Ao contrário das coleções citadas anteriormente, que obedeceram um projeto padrão gráfico, houve ampla liberdade na materialidade dos livros e na visualidade das capas e contracapas, onde alguma referência nos remete à cartografia do projeto original.

Que viagem escolhemos? A de um imigrante brasileiro em terras portuguesas contada em primeira pessoa, através da narrativa construída ficcionalmente por Luiz Ruffato: *Estive em Lisboa e lembrei de você*.³ Para isso, como previa o contrato, o autor esteve no país que já conhecia, dessa vez lançando um olhar que pudesse ser transformado em narrativa, em documentário, em romance, em filme. Ruffato, à primeira leitura, e através de seu personagem principal, nos entrega uma narrativa que deseja mostrar como um mal estar no país de origem se desloca para o sentimento que o imigrante brasileiro desenvolve por sua pátria colonizadora. Uma narrativa de mal estar. Aqui e lá. Um desamor expresso.

Seria essa narrativa uma viagem de volta? Portugal tem na sua história diversas passagens que nos mostram a sua característica emigratória, de saída, de busca por oportunidades em diversos lugares do mundo devido ao seu caráter expedicionário e desbravador, além de sua posição geográfica favorável. O Brasil foi mesmo, como a historiografia registrou, um dos seus principais destinos, já que recebeu tantos imigrantes lusitanos? Houve uma inversão de papéis, e a cordialidade luso-brasileira é desconstruída quando Portugal passa a ser anfitrião de visitas inesperadas (e muitas vezes desagradáveis)?

Adriano Larentes da Silva, em sua tese *Migrações sociais e mundos do trabalho*,⁴ nos aponta que em Portugal a entrada de imigrantes é algo relativamente novo, já que até a década de 1980 o país exportava força de trabalho. A presença brasileira em Portugal, segundo o autor, começa a ser significativa por volta da década de 1970. Isso porque, como aponta Carlos Fontes, nessa década Portugal viveu uma grande escassez de mão de obra, o que obrigou o país a aumentar sua cota de estrangeiros.⁵ No entanto, a busca por boas oportunidades de trabalho em Portugal não se apresenta muito generosa com os imigrantes, já que, em grande parte, os trabalhos disponíveis são secundários. Uma pequena parcela de brasileiros consegue de fato alguma grande oportunidade em terras lusitanas. Por isso, o que se observa é que Portugal, mais do que geradora de oportunidades internas,

¹ Sobre o conceito de biografemas recomendamos a leitura de *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Maria de Santa Cruz, SP: Martins Fontes, 1979; e sobre monemas, *Reflexões a respeito de um manual* em BARTHES, Roland. *O rumor da Língua*. Tradução Mário Laranjeiras. São Paulo: Brasiliense, 1984.

² Esse levantamento foi feito para o ensaio: RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Literaturas (ou leituras) sem vergonha. *Revista Signótica*. UFGO, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009, p. 27-37.

³ RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴ SILVA, A. L. *Migrações internacionais e mundos do trabalho*: brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008). Tese de doutorado em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0346-T.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

⁵ FONTES, C. *Imigrantes em Portugal*: resenha histórica. Disponível em: <<http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexHist.html>>. Último acesso em: 24 de agosto de 2010.

constitui-se como ponto de passagem ou porta de entrada de imigrantes brasileiros para a Europa por conta da afinidade histórica e idiomática.

Se as pesquisas nas áreas de Sociologia, Economia e História nos trazem respostas como essas, a narrativa de Luiz Ruffato vai ficcionalizar essa situação do imigrante em Portugal problematizando as suas vicissitudes, mas muito mais o estrangeiro e o encontro consigo mesmo diante do Outro. Já nas epígrafes de *Estive em Lisboa e lembrei de você* o autor indicia o retrato dessa nova realidade. Em uma breve interpretação dessas epígrafes pode-se perceber a alusão da receptividade em relação ao protagonista do romance. A primeira epígrafe, trecho de uma letra de música do grupo musical português Xutos e Pontapés,⁶ desconstrói, pela ironia, o próprio título do romance, frase que costuma estampar camisetas e *souvenirs* dados como lembrança quando do retorno do viajante. Um registro, uma comprovação nas mãos presenteadas ou no peito do outro: Estive em (algum lugar) e me lembrei de você. Um vazio sempre a preencher pela eliminação da saudade, esse sentimento que temos em comum. Observa-se que o autor elimina a próclise pronominal do português brasileiro para dar título ao livro. Opta pelo português mineiro, como diz na entrevista dada quando do lançamento do livro.⁷

Sem me lembrar
De ti eu vivo
Em Lisboa
A Magnífica
Xutos e Pontapés

Nos quatro versos temos a imagem da cidade magnífica, do eu lírico que se sente bem por estar nesse lugar e que, por isso, o exalta; do sujeito que consegue esquecer alguém (ou o seu passado) porque, mais do que estar em Portugal, está em Lisboa, sempre lembrada pelos brasileiros na letra do clássico fado: “Lisboa, velha cidade, cheia de encanto e beleza”. No entanto, na visualidade do poema e no desconhecimento da referência, parece haver um quinto verso: “xutos e pontapés”. Essa última referência remete-nos mais facilmente à realidade representada pela narrativa.

A segunda epígrafe, o poema de Miguel Torga, declara perfeitamente a imagem que segue durante a narrativa: a saudade do Brasil, as dificuldades que o levaram ao exílio, o eu lírico vivendo em uma espécie de “purgatório”, o meio-termo da nacionalidade, a perda da nação brasileira e a não incorporação da nova nação portuguesa, o desespero entre “o chão encontrado e o chão perdido”.

Dois polos de atração no pensamento!
Duas ânsias opostas nos sentidos!
Um purgatório em que o sofrimento
Nunca avista um dos céus apetecidos.

Sérgio de Souza Sampaio, personagem principal e narrador do romance, analisa sua vida sem rumo e um constante não lugar, mesmo na sua cidade natal, Cataguases, no estado brasileiro de Minas Gerais. Poucas oportunidades, erros cometidos e insucessos nas escolhas. Esse pouco acolhimento de seu local de origem e as condições agravantes de sua vida (casamento ao acaso com uma mulher de “ideia fraca”, um filho acidental, a necessidade de prover o futuro sem expectativa) vão ao encontro da tradição da cidade mineira, também local de origem de Luiz Ruffato. Cataguases apresenta poucas alternativas de trabalho e formação e é uma das cidades brasileiras que se destaca nos índices de levantamentos migratórios pela evasão de sua população mais jovem para o exterior em busca de oportunidades. As imagens construídas sob essa ampla justificativa “oportunidade” têm muita força no espaço da narração. Ao tomar a decisão de ir embora para a Europa, Sérgio é visto como mais um cidadão de Cataguases que vai ser bem-sucedido e que trará dinheiro para a cidade. Não é em vão o seu prestígio entre os políticos locais. A cena de sua despedida na estação rodoviária é bastante significativa. Em entrevista a Salomão Terra, o autor revela ter vivido algo semelhante ao sair de Cataguases para buscar melhores condições em São Paulo.⁸ Ao dar voz ao autor quando fala de sua biografia e de sua mudança de Minas Gerais para São Paulo em busca de boas oportunidades, pretende-se mostrar que o deslocamento geográfico não é só o cumprimento de um contrato, mas a possibilidade de estabelecer um diálogo entre fato e ficção.

Cataguases e Lisboa, a mesma e a outra. Lisboa, porém, não vai se configurar como o lugar ideal, acolhedor, desejado pelo personagem e como em muitas das narrativas de exílio. A saudade da cidade de origem surgirá com maior intensidade e evidente ironia quando ele lá está. Nessa fala compulsiva e ofegante do texto, marcado por uma espécie de monólogo, o personagem relembra os “bons” tempos vividos no Brasil, os locais por onde passava, o rio que circundava a cidade, as pessoas, os amigos, as ruas em contraposição a uma profusão de amores ilusórios e distorcidos e da situação de não pertencimento vivenciados agora em Lisboa. O desapontamento é explicitamente externado já nas

⁶ Representante do *rock'n roll* português, o grupo musical Xutos e Pontapés foi criado no final da década de 1970 e continua a desenhar a sua história. Sua música é definida pelo próprio grupo como “Duas guitarras a abrir, uma bateria a bombar, o baixo a marcar a pulsação, 1-2-3-4, três acordes básicos e a correria desenfreada do cavalo à solta”. <http://www.xutos.pt/biografia/minisite_bio.html>. Último acesso em 03 de outubro de 2010.

⁷ Entrevista com Luiz Ruffato. Disponível em: <www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12862>. Último acesso em: 04 de outubro de 2010.

⁸ Mondo Cult Magazine. Entrevista com Luiz Ruffato. Disponível em: <<http://www.opperaa.com/255-estive-em-lisboa-e-lembrei-de-voc-confira-entrevista-com-luiz-ruffato.html>>. Acesso em: 16 de junho de 2009.

primeiras linhas da segunda parte do livro, intitulada “Como voltei a fumar”, exatamente na parte que vai narrar os primeiros dias de Sérgio em Portugal:

[...] quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema [...] (p. 39)

O desencantamento inicial vai permitir um espaço interessante a um dos personagens, entre os poucos que povoam a história contada por Serginho (praticamente durante toda narrativa ele vai ser assim denominado por esse contumaz diminutivo do português brasileiro). Carrilho é um português que viveu por muitos anos no Brasil e que agora vive novamente em Portugal. Ele vai reforçar a ideia da saudade como um sentimento de pátria e nação no momento em que Sérgio o encontra. Carrilho é apresentado já no Brasil como aquele português que poderia o ajudar em momentos difíceis, um “português amigo”. É ele quem relata ao protagonista seu desapego à terra natal, por isso é definido como *um tipo que gosta dos brasileiros e detesta os conterrâneos*. Carrilho lhe conta que no Brasil chegou a ficar rico quando para cá viajou também em busca de oportunidades. Além da contribuição relativa à formação da imagem do povo português na obra, Carrilho também se apresenta como a prova de que a situação em Portugal não era de fato a sugerida a Sérgio na conversa de bar que o motivou a viajar. Poderia tudo isso ser uma sucessão de lugares comuns se tais concepções não nos remetessem a Eduardo Lourenço quando procura explicar como o colonizador já não se sente tão à vontade nas terras que antigamente lhe pertenciam. Isso porque esse colonizador, agora, *é quem carrega sobre os próprios ombros o fardo de antigo colonizador*.⁹ Nas representações desta antinomia Portugal-Brasil, Brasil-Portugal, Ruffato faz realmente um jogo discursivo com alguns estereótipos do lá e do cá, Brasil e Europa, como se estivesse escrevendo a sempre possível canção do exílio.

Lisboa é descrita em seus detalhes. Quase um guia de turismo. Para quem lá esteve, a recuperação visual de uma cidade que não se esquece. Um texto para o leitor viajante. Através especialmente deste texto falado, desta sequência de insucessos por uma autoconsciência narrativa, Ruffato estabelece não só visualmente uma interessante relação entre texto e leitor. Mas muito mais: entre a fala e a escuta, como se o narrador fosse um contador de histórias: *E acho que naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano* (p. 17).

A linguagem de Serginho sofre mudanças durante a narrativa marcada pela oralidade. Há uma voz que

fala sem interrupções. A princípio o que se percebe é a utilização de termos característicos do povo mineiro, do *jeitim* arrastado, contínuo, utilizado nessa região do Brasil. Depois, com a chegada do personagem a Portugal, nota-se a presença de expressões do idioma lusitano, todas destacadas no texto, como se realmente nos avisassem que é uma língua outra, com um léxico particular. O trecho em que Sérgio nos descreve como conheceu a cidade apresenta alguns destaques:

Lisboa *cheira* sardinha no calor e castanha assada no frio, descobri isso revirando a cidade de cabeça-pra-baixo, de **metro**, de **eléctro**, de **autocarro**, de **comboio**, de a-pé, sozinho ou ladeado pela Sheila. (p. 67)

Para representar esse tempo na experiência de um protagonista marginal, um personagem tipo, de um outro em uma pátria onde o uso da língua estrangeira não é o maior obstáculo, a linguagem utilizada por Ruffato é a de um só fôlego. Sérgio Sampaio nos conta a sua história e suas peripécias como um herói sobrevivente, em um lance discursivo, pela pontuação contínua de muitas vírgulas, como se fosse a voz predominante em um bate-papo à mesa de um bar, uma conversa informal entre dois amigos que se entendem: personagem e leitor. Somos nós, leitores, que lhe permitimos que respire, quando interrompemos a leitura, que se processa como um ato de fumar: tragar e soltar vagarosamente a fumaça.

E o amor? *Estive em Lisboa e lembrei de você* transforma o amor, cerne da proposta dos “Amores expressos”, em um elemento coadjuvante das agruras enfrentadas pelos imigrantes que resistem a voltar para casa como fracassados. O personagem central, Sérgio Sampaio, até encontra o amor físico, o desejo, um corpo feminino, mas o foco da narrativa é a luta diária pela sobrevivência e as ilusões perdidas.

Desterritorializado, encontra o Brasil em Sheila, uma prostituta brasileira, gentil e receptiva. Nela deposita a esperança do retorno às raízes, de estar mais perto da pátria. Encontra, porém, na sucessão de bem articulados lugares-comuns e estereótipos a esperteza e a malandragem sempre delineadas nas abordagens da cultura e da sociedade brasileira. Um empréstimo, um agiota e o medo de ser denunciado pela sua ilegalidade o movem para um novo fracasso. Na realidade, a construção da personagem Sheila também se configura como o retrato de mais uma vítima do sistema imigratório, do estrangeiro que chega ao novo país buscando oportunidades e depara-se com as poucas chances. Sua profissão, de certa forma, já evidencia o lugar marginal que pode ocupar na capital portuguesa. Sérgio confirma isso dizendo que *parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde entrava, tratavam ela mal, aos chutos e pontapés, como se portasse sida, ou lepra [...]*. O narrador busca o discurso da redenção

⁹ LOURENÇO, E. *A nau de Ícaro*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001. p. 51

romântica – não mais o casamento, mas o emprego decente – ao justificar a opção de Sheila pela comercialização do corpo em país estrangeiro:

detestava aquela situação, a verdade é esta, deitar com desconhecidos em troca de trinta, quarenta euros, ir mais de uma vez para a cama em uma única noite e outras jornadas amargar sem freguesia, fantasiava um emprego decente [...], cobiçando o trabalho das **empregadas de loja** [...]. (p. 67)

Se nesta sucessão de amores expressos – no sentido de viagem e de linguagem – o amor distorcido será mesmo a sua relação com Portugal. A pátria mãe que não correspondeu às expectativas de um acolhimento materno, a dificuldade para conseguir emprego, a impossibilidade de uma boa remuneração, a falta de uma política para imigrantes e a saída da união com outros estrangeiros de diversos lugares que, como ele, passavam pelas mesmas dificuldades:

[...] me vinha à cabeça o destino de Baptista Bernardo, escravo de uma muleta *compensatória*, que deparava, de vez em quando, a desoras, ninando o casalzinho de filhos [...] e especulei do seu Carrilho se o angolano e a mulher desentendiam muito, e ele, respondendo “Ao contrário, vivem bem”, ficou abestalhado com a minha cegueira, *todos* sabiam que, quando o Baptista Bernardo refugiava lá embaixo com as crianças, é porque tinha arranjado freguês pra mulher, uma africana alta, magra e sorridente, conhecida minha de **bons-dias**, e abismado perguntei como alguém pode sequer pensar em *alugar* a própria esposa, e seu Carrilho, filosofando, “É a miséria, filho, a miséria [...]”. (p. 54)

A atitude do povo português em relação ao outro é desenhada de forma caricatural através de mais uma descrição estereotipada pelo protagonista do *velho* Portugal quando este observa que, além de o país preservar a sua história através de ruas estreitas e casarões antigos, o próprio povo parecia “velho”:

[...] até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em **xailes** pretos, velhos de boinas de lã [...], gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa, cheia de macacoa, vista fraca, junta dolorida, dente molengo, perna inchada, e, assustados, passaram a desconfiar de tudo, sempre enfezados, resmungando pra dentro, incompreensíveis, respondendo as perguntas com irritação [...]. (p. 39)

Nessa sucessão de desamores extremos há na narrativa um amor visceral, tátil, gustativo, emocional: o vício de Sérgio Sampaio pelo cigarro. A reflexão sobre o ato de fumar e o próprio fumar dão o ritmo da narrativa e é nesse aspecto que a densidade dramática do romance se adequa aos amores expressos. Entre reconhecer os males do fumo e abandonar o gesto rotineiro e agradável de

levar o cigarro à boca, tragar, expelir a fumaça há uma espécie de acertos e desacertos do personagem. Durante toda a sua vida a grande tomada de decisão foi a de parar de fumar. O romance aqui apresentado é dividido em duas partes: *Como parei de fumar* e *Como voltei a fumar*. Ou Cataguases e Lisboa.

O próprio título do livro, quando o relacionarmos ao cigarro, assume outro sentido. Depois de conseguir evitar a prática de fumar por mais de seis anos, Serginho entra em uma tabacaria de Lisboa, pede um isqueiro e um maço de cigarros e retoma o vício. Como se dissesse ao cigarro, agora novamente fiel companheiro: Estive em Lisboa e (*me*) lembrei de você, em uma explícita referência à *Tabacaria* de Fernando Pessoa: *Enquanto o destino me conceder/ continuarei fumando*. O protagonista de fato serve-se dos atos de parar e de voltar a fumar como pontos de partida para as situações e impasses da sua vida. A história inicia exatamente com o relato de o vício ter sido retomado após mais de seis anos sem ele. Narra a consulta médica e a influência que o cigarro tinha em sua vida, no seu comportamento. O cigarro é de fato defendido pelo personagem como elemento fundamental para tomadas de decisão em relação ao seu destino:

Mas foi parar de fumar, e as coisas degradingolaram na minha vida, e só não desisti daquela empreitada pra não desapontar o doutor Fernando, que adorou uma felicidade irradiante, me expondo pra deus-e-o-mundo como prova incontestada do seu método revolucionário [...]. (p. 21)

Entre as constantes narrativas dos textos de Luiz Ruffato estão entre “deus-e-o-mundo” os indivíduos massacrados pelo cotidiano e a possibilidade de uma construção subjetiva, de uma voz que surge em meio à solidão urbana. Embora esse seja o livro que mais se destaca pela diferença, se o compararmos com narrativas anteriores, entre elas *Eles eram muito cavalos*, *As máscaras singulares*, *O mundo inimigo* e *Eles eram vistos de noite*, há um ponto de aproximação: o uso das palavras justas para se ler as múltiplas imagens de uma sociedade industrial e pós-globalizada. *Estive em Lisboa e lembrei de você* é uma narrativa extremamente visual e sonora. Missão cumprida, poderíamos completar. Um roteiro de cinema.

No espaço de tempo de seis anos e meio, apresentados a nós na velocidade de alguns minutos, como requer a linguagem cinematográfica, o desenho da tentativa de uma nova vida em um país promissor surge através de Sérgio de Souza Sampaio, mais do que um nome, uma aliteração, uma sibilização, uma mineiridade, nesse ardidioso “depoimento editado”. Entre o não fumar e os desenganos dessa decisão, Ruffato nos mostra a realidade de muitos brasileiros que saem do Brasil para buscar conforto nos braços da “pátria mãe” ou que ela ofereça

portas de saída para uma vida melhor ainda em outros lugares do além-mar. A saudade, os amores distorcidos ou os desamores expressos mostram, como nos versos de Torga, não mais pelo viés da melancolia, mas da ironia e do *jeitim* mineiro, o que é essa *tristeza de um regaço repartido*. Luiz Ruffato, mineiro de Cataguases, escreveu uma narrativa vinculada a um projeto de deslocamentos geográficos, mas não se distanciou do Brasil. Sérgio de Souza Sampaio, seu personagem, seu depoente, conseguiu verbalizar não só pela tensão, mas pela distensão do fictício e do real, os desterritorializados, tanto os de lá quanto os de cá, *entre o chão encontrado e o chão perdido*.

Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeiras. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Maria de Santa Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- ENTREVISTA com Luiz Ruffato. Disponível em: <www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12862>. Acesso em: 11 out. 2010.
- FONTES, Carlos. *Imigrantes em Portugal*: resenha histórica. Disponível em: <<http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexHist.html>>. Acesso em: 24 ago. 2010.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MACHADO, Igor José de Renó. Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal. *Revista Debates*. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/5889>>. Acesso em: 17 de junho de 2010.
- MONDO Cult Magazine. Entrevista com Luiz Ruffato. Disponível em: <<http://www.opperaa.com/255-estive-em-lisboa-e-lembrei-de-voc-confira-entrevista-com-luiz-ruffato.html>>. Acesso em: 16 de junho de 2009.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Literaturas (ou leituras) sem vergonha. *Revista Signótica*. UFGO – Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009, p. 27-37.
- RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SILVA, Adriano Larentes da. *Migrações internacionais e mundos do trabalho*: brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008). Tese de Doutorado em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0346-T.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2010.
- XUTOS e pontapés. *Biografia*. Disponível em: <http://www.xutos.pt/biografia/minisite_bio.html>. Acesso em: 05 out. 2010.

Recebido: 18 de outubro de 2010

Aprovado: 25 de novembro de 2010

Contato: taniareginaoliveiraramos@gmail.com